

UTILIZANDO MEMÓRIAS PARA DAR SENTIDO AOS CONCEITOS HISTÓRICOS (PIBID- 2019)

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno¹

Ana Paula Rodrigues da Silva²

Hugo Matheus Rodrigues de Lima³

Iasmim Virginia de Oliveira Silva⁴

Neste trabalho será abordada uma das experiências que tivemos como bolsista da CAPES, do projeto PIBID⁵, na escola Centro Educacional Osmar de Aquino em Guarabira-Pb. Neste projeto propusemos que os alunos realizassem entrevistas com pessoas mais velhas, com o objetivo de que eles trouxessem para o espaço da aula de História as narrativas de memórias que revelassem suas experiências vividas. Delimitamos como o tempo que seria recordado as décadas de 1980 e 1990, vividas na cidade de Guarabira (PB) ou entorno.

O plano de desenvolvimento desta oficina didática era propor que os discentes elaborassem perguntas que seriam realizadas aos entrevistados, sendo que estas memórias deveriam trazer as experiências das pessoas durante essas duas décadas selecionadas. As perguntas que surgiram foram as seguintes: Como os vocês se divertiam ou faziam o seu o lazer? E, como era o ensino nas escolas nesta época?

Seria uma atividade feita em casa, a qual seria avaliada por meio das discussões em sala de aula na análise dos resultados obtidos, e assim o fizeram alguns alunos. Sobre ensino fizeram perguntas aos pais com relação ao fardamento da época em que estudavam, se o método de aprendizagem em outras palavras era rígido ou não. Algumas memórias citaram a existência dos castigos feitos com palmatoria. Outros falaram sobre a evasão escolar contando que as crianças deixavam de estudar nos quatro primeiros anos escolares. Sobre lazer a maioria perguntou sobre o que eram feitos para se divertir na cidade, quais eram os brinquedos e brincadeiras utilizadas e quais eram os programas passados na TV. Alguns trabalhos foram impressos imagens para ilustrar o fardamento.

¹ Historiador, Doutor em Educação pela Unicamp. Professor do departamento de História da UEPB

² Graduanda da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB ana-paula_rds@hotmail.com

³ Graduando da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB hmrodriguesdelima@gmail.com

⁴ Graduanda da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB iasmim.vivi5@gmail.com

⁵ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação do Ministério da Educação (MEC).

Seguindo nosso plano, que foi elaborado previamente, propusemos que os estudantes apresentassem de forma oral, em sala de aula, as narrativas memoriais que eles levantaram. Além disso, foi pedido que eles contassem um pouco como foram suas experiências particulares ao realizarem as entrevistas. A partir desse momento, passamos a questionar todos que estavam presentes nesta aula como eles se divertiam atualmente e como eles viam a escola na atualidade? Fizemos isso para que ao produzirem narrativas sobre os mesmos temas abordados nas suas entrevistas, pudessem construir relações entre o presente vivido e as memórias do passado de outras pessoas.

Escolhemos trabalhar com a memória, pois por meio dela é possível desenvolvermos os processos identitários dos sujeitos. Outro motivo da escolha dessa temática dessa pesquisa foi o de fazer com que os discentes percebessem que, por esse tipo de atividade, os estudantes não seriam os sujeitos que apenas receberiam os conhecimentos dados pelo professor. Mas, para além disso, eles poderiam ser ativos em relação a produção do conhecimento histórico, produzindo leituras do passado em relação ao presente que revelassem as suas realidades e experiências. O processo de fazê-los trazer memórias permeadas de conhecimentos de experiências vividas possibilitou a produção de leituras diversas sobre o tempo histórico. Ao desenvolvermos este trabalho, percebemos, juntamente com o professor supervisor e os alunos da escola básica, que a sala de aula não é o único lugar onde se há aprendizado.

Na execução das entrevistas os alunos extrapolaram as duas perguntas iniciais, porém fizeram outras questões que eram relacionadas com os temas propostos. Ao analisarmos essas o resultado das entrevistas realizadas, percebemos que os alunos da escola básica relacionavam as situações passadas dos entrevistados com o presente, apresentando também vários questionamentos, e para além disso, perceberam que muitas coisas que eram contadas pelas pessoas mais velhas, ainda são bem presentes em seus cotidianos.

Maioria dos entrevistados eram seus familiares, e isso foi bastante pertinente, para que os familiares dos discentes percebessem que a escola estava envolvendo seus saberes no processo ensino aprendizagem. Com essa pesquisa enfatizamos o caráter humano dos alunos, estes que são capazes de produzir, pensar, tomar decisões, estes que são cheios de conhecimentos e não são vazios, e desmebramos assim o caráter objeto, como se professor e aluno fosse um objeto um do outro.

Nas aulas que realizamos sobre a memória utilizamos como base as produções escritas dos alunos, usando de papéis, lápis e imagens, dialogando sempre como alunos.

Em relação aos resultados apurados, a primeira aula aconteceu fora da sala de aula no refeitório da escola, onde os alunos puderam ficar mais livres. Na segunda aula foi realizada em sala de aula e foi utilizada a brincadeira da força, que auxiliou que os estudantes discutissem ideias trabalhadas. Neste jogo de adivinhação das palavras foram utilizadas palavras-chaves como por exemplo: “evasão escolar”. O aluno quem acertasse as palavras-chaves, explicaria um pouco sobre o seu significado. Ao fazermos essa discussão do tempo histórico e suas mudanças, passamos então a trabalhar os conteúdos curriculares que são dados nos livros didáticos.

Na aula sobre renascimento utilizamos também a sala de aula e projetamos slides por meio de um Datashow. Além disso, foram utilizados os seguintes materiais: computador, quadro, lápis. Para iniciarmos a aula fizemos questionamentos sobre os assuntos relacionados as discussões das aulas anteriores relacionando-os com o tema ensino.

No dia em que lemos os trabalhos, na aula discutimos sobre como foi a pesquisa para eles, encontramos resistências de boa parte dos alunos que não fizeram as entrevistas, e percebemos as pesquisas que eram feitas e pegas na internet, quando eram muito elaboradas e não conduziam com a faixa etária dos alunos. Em cima do que eles contaram problematizamos questões sobre o ensino, sobre os mecanismos que eram utilizados anteriormente se era necessário impor medo por meio da dor ou autoritarismo para que as pessoas respeitassem um professor, falamos que nem sempre algumas normas na escola existiam como eles conhecem hoje, discutimos o modelo de controle nas salas de aula, feitas para serem vigiadas, o fardamento que era identificação, não afirmando o que era correto ou não. Sobre lazer discutimos a ideia de que quem viveu a cultura do seu tempo de criança se sente nostálgico quando enxerga as mudanças ocorridas, podendo recorrer ao seu tempo como bom tempo, assim como eles poderiam afirmar isso no futuro como pais para os filhos deles.

Em outra aula sobre renascimento relacionamos as entrevistas que diziam como eram o ensino e o que os permeavam na época escolhidas por eles, com o ensino no renascimento suas inovações e o que contraponha com a idade média, as novas disciplinas surgidas, e a contestação de um modelo de ensinar marcado pelas verdades absolutas da religião. Como exemplo de práticas reflexivas feitas por outros professores.

Ao nos aproximarmos das práticas de ensino dessa docente, percebemos que ela criava os exercícios, que resultaram na produção de conhecimentos

históricos originais (JULIA, 2001), partindo da oralidade dos estudantes para em seguida propor que eles realizassem uma produção escrita. Ela utilizou também o livro didático articulando os conteúdos curriculares com as narrativas que foram produzidas pelas memórias dos idosos da comunidade. (BUENO, ELÍBIO. Jr, 2018 p.17)

Usamos a familiarização com o tema que os alunos tinham sobre ensino em uma época diferente, para mostrar a variação que tem o ensino durante os momentos históricos, o ensino na cidade de Guarabira por meio da experiência dos pais deles sendo articulado com um macro história.

De acordo com a realização do exercício foram levantadas questionamentos para que os alunos refletissem sobre tais temas com o intuito de que eles compreendessem o porquê dos fardamentos padronizados, do alto índice de evasão escolar, dos métodos utilizados no âmbito escolar para correção e disciplina dos alunos, e até o motivo da própria estrutura física da escola ser da madeira que é, etc.

Partindo de um conhecimento prévio obtido no meio acadêmico, foi passado para os alunos mesmo que não de maneira complexa, e, portanto que desse para que compreendessem como olhar os fatos históricos na perspectiva da história vista de baixo, corrente teórica que nos permite não anular a visão dos “heróis” que foram imaculados ao decorrer dos tempos, mas a complementa-la, encaixar melhor os fatos e perceber de diferentes ângulos o mesmo acontecimento, ou melhor, enxergar a existência de diferentes discursos oriundos do mesmo ato. O que é claro quando se foi trabalhado a perspectiva dos alunos e suas vivências e não dos professores, orientadores e do corpo docente em geral, não que também esses não são afetados pelo poder, mas deixando claro que o recorte são os discentes sendo eles afetados da forma que foi definida para problematizar na aula em questão.

Tendo em mente essa técnica, estando assim ciente a contribuição de Michel Foucault para o debate, principalmente quando se diz respeito a sua obra “vigiar e Punir” para explicar aos alunos através do sistema do panóptico, as relações de punição, disciplina que eram feitas nas escolas no recorte temporal abordado, e como alguns métodos são deixados, atualizados, interrompidos e mascarados, dando aos alunos o conceito e fazendo com os mesmos respondessem como a teoria poderia ser aplicada na vivência e na rotina da escola.

Tendo um leve toque dos conceitos apresentados por Djamila Ribeiro e Carla Akotirene onde nessas relações de poder também é transpassado o machismo, homofobia, xenofobia e outras formas e facetas dos discursos afirmados e fixados como verdades na sociedade, recordando assim de uma característica da interseccionalidade apresentada por

Akotirene onde não se pode separar nenhuma dessas opressões. Assim levando os alunos a questionar por que os diferentes uniformes para homens e mulheres, quem eram os alunos presentes nessas taxas de evasão escolar, em que áreas esse alunos habitavam, qual a sua faixa etária, se eram mais homens ou mulheres a abandonar as escolas e os motivos.

Portanto é necessário citar Tomaz Tadeu Silva quando ele afirma em sua obra Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo que: “Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder”. Esses métodos que foram utilizados na aula mesmo que não citando o nome de cada um deles ao abordar seus conceitos foram para que possam “aderir ao opressor”, termo que Paulo Freire usa em sua obra Pedagogia da Libertação para definir aqueles que realmente captam os ideais que os oprimem como ser humano, muitas vezes a desfigurar essa imagem, negando-lhes até a essência do que é ser cidadão, como se fossem suas e como se isso os beneficiasse, não porque não se acham oprimidos, mas pelo fato de pensarem na lógica opressora.

Quando foi debatido o Renascimento e a introdução do pensamento humanista na lógica de se pensar a realidade tirando assim o teocentrismo medieval e apresentando o homem como o centro das pesquisas, trazendo para a realidade cotidiana foi elaborado uma relação com os regimes de verdades nas quais a sociedade é transpassada, moldada e sustentada e a influência da arte nesse atrito ideológico.

Conclui-se que além de todo esse embasamento teórico, a uma grande distancia entre a prática e a teoria, já que os nomes dessas pensadoras e pensadores quando citados de maneira desconexa só atrapalha o raciocínio dos alunos, tendo em mente que a dinâmica depende também da turma já que a mesma aula não funciona do mesmo modo sempre. Além de todos esses fatores também tem o fato dos alunos na parte designada para pesquisa, alguns deles pesquisaram da internet e apenas copiaram o que não é surpresa, pois já estão acostumados com isso, pela falta também de proximidade professor/aluno alguns professores nem percebem o plágio, e é necessário tempo para resinificar esses exercícios não como punições, mas como objetos de pesquisa para que todos possam compreender melhor o conteúdo, tendo uma grande relevância escutar a opinião dos alunos e também mostrar diferentes dinâmicas como foi utilizado o jogo da força para avaliar o conhecimento deles do assunto, e também leva-los para fora da sala de aula o que teve um impacto direto no comportamento deles que os fez prestar mais atenção.

REFERÊNCIAS

BUENO, João B G.; ELÍBIO Jr, MANOEL A. A memória e o ensino de História: reflexões sobre experiências docentes in MAYNARD, Dilton. ELIANA, Josefa. ARAUJO, Rafael. **História, educação e Ensino: debates e reflexões**. Aracaju IFS, 2018. P.17.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade**. Uma introdução as teorias do currículo.1, ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica. 1999. V.1.154p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.288p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.